

Musicoterapia - aspectos da construção de uma carreira

Marco Antonio Carvalho Santos¹

Há vinte anos se formava no Rio de Janeiro a primeira turma de um curso de graduação em Musicoterapia no Brasil. Neste Simpósio estão presentes algumas das pessoas que participaram desse movimento pioneiro - Cecília Conde, a fundadora do curso de musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música, e duas alunas da primeira turma: Lia Rejane M. Barcellos, atual presidente da Comissão de Prática Clínica da Federação Mundial de Musicoterapia e Maristela Pires da Cruz Smith, coordenadora deste Simpósio e presidente da APEMESP.

Começo falando da história da nossa carreira. Minha preocupação não é apenas a de prestar homenagens, que são seguramente merecidas, mas de refletir, ainda que de forma breve, sobre a própria trajetória da musicoterapia. A experiência clínica ensina a todos nós a importância de uma anamnese bem feita. Através dela podemos recuperar aspectos, às vezes, esquecidos pelo próprio cliente que só pelas nossas perguntas, os reencontra na memória. Aos poucos vão se revelando fatos, sentimentos, detalhes que possibilitam uma compreensão mais profunda daquela pessoa que começamos a atender. Talvez a imagem da anamnese seja infeliz pelo risco de sugerir que a musicoterapia precise de um tratamento, ou esteja doente. A minha intenção é, antes, a de mostrar que a história pode desempenhar um papel decisivo quando se trata de obter clareza a respeito de uma situação que exige nossa participação.

Conhecemos a história da nossa própria carreira? Creio que não. Alguns textos registraram os "fatos" mais importantes de um determinado período. O primeiro número do Boletim da ABMT, a antiga sigla da Associação de Musicoterapia do Rio de Janeiro, trazia um artigo de Doris Hoyer de Carvalho onde a musicoterapeuta procurava registrar os primeiros movimentos no sentido do estabelecimento de um novo campo terapêutico. Não se encontra nele, no entanto, uma preocupação em analisar as condições em que se dá

¹ Musicoterapeuta, coordenador do Curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música.

esse movimento embora fique um registro sobre instituições e profissionais que tomaram as iniciativas pioneiras, o que, sem dúvida, é importante para nós.

Cabe considerar que uma carreira não se constitui socialmente a partir da simples vontade dos seus membros, mas através de um intrincado processo pelo qual se torna conhecida, tem a sua necessidade reconhecida por setores expressivos da sociedade, até se tornar, por fim, objeto de um certo "consenso" social. Se isso hoje já se tornou claro para muitos dos musicoterapeutas, é bom lembrar que muitos anos atrás, quando existiam apenas três cursos de musicoterapia no Brasil e um número bem menor de profissionais formados, ainda não havia suficiente clareza a esse respeito. Um exemplo disso foram as primeiras tentativas de regulamentar a profissão. É que na ocasião o entusiasmo com as possibilidades da nova carreira e a nossa falta de experiência nos levava a acreditar que isso fosse possível na época.

Numa sociedade complexa o reconhecimento de uma nova especialidade, como a musicoterapia, envolve questões de ordem científica (capacidade de justificar teoricamente junto à comunidade científica os princípios e métodos da nova prática e demonstrar a sua eficácia na clínica) e questões políticas como o convencimento de amplos setores a respeito da sua importância e eficácia. Esse convencimento é o resultado de um trabalho sistemático de divulgação e do debate em diferentes espaços sociais, visando difundir a teoria e a prática da musicoterapia. A nossa profissão já teve de enfrentar, no Brasil, incompreensões e resistências de outros profissionais da área de saúde (embora não só dessa área) marcadas, muitas vezes, por forte espírito corporativo. Não é difícil de entender este tipo de atitude num país onde os recursos para a saúde se revelam constantemente insuficientes e as verbas para pesquisa extremamente escassas, tornando-se objeto de forte disputa. Além, é claro, da tradição autoritária do país, que se manifesta em atitudes avessas ao diálogo e leva profissionais a se considerarem os "donos" de certas áreas e procurarem excluir os demais por mecanismos administrativos em lugar de buscar um debate sério e democrático das questões.

Não devemos, no entanto, superestimar as dificuldades. Podemos registrar não só realizações mas uma série de tendências favoráveis ao crescimento da musicoterapia em várias direções. Em primeiro lugar cabe apontar a criação de novos cursos de graduação e pós-graduação em instituições conceituadas e em estados ou cidades onde não havia antes a possibilidade de formar musicoterapeu-

tas. É o caso da Universidade Federal de Goiás que formou, no primeiro semestre do corrente ano, a sua primeira turma de pós-graduados em Musicoterapia, da Universidade Católica de Salvador e da Universidade de Ribeirão Preto que criaram cursos de graduação em Musicoterapia. O Conservatório Brasileiro de Música já oferece curso de pós-graduação na área, contribuindo para o aprofundamento da reflexão e formando profissionais capacitados para a docência e a pesquisa. A criação de novos cursos revela um interesse pela carreira na área acadêmica e manifesta a existência concreta de uma demanda social por profissionais.

Não disponho de dados atualizados sobre a situação profissional nos diversos estados onde existem cursos e/ou associações de Musicoterapia. No Rio de Janeiro podemos assinalar alguns concursos públicos municipais e estaduais que abriram vagas específicas para musicoterapeutas, caracterizando um avanço no reconhecimento prático da profissão. O Encontro Latino Americano de Musicoterapia realizado no ano passado contou com o apoio e a participação de órgãos governamentais voltados para a área de saúde, educação, justiça e de políticas sociais (como a assistência a meninos de rua, menores infratores, drogados). Novos campos de atuação têm se aberto aos musicoterapeutas como é o caso do atendimento a idosos e a pacientes aidéticos. Não pretendo apresentar um balanço completo do que está ocorrendo na área profissional mas apenas identificar alguns movimentos que considero significativos e promissores.

É preciso, no entanto, considerar que a existência de tais movimentos não é suficiente para justificar uma acomodação da nossa parte nem cairmos em algum tipo de triunfalismo. A consolidação da musicoterapia implica ainda num trabalho multifacetado envolvendo um conjunto de esforços. Gostaria de enfatizar alguns aspectos que exigem, na minha opinião, consideração urgente do conjunto dos profissionais e estudantes brasileiros de musicoterapia.

1 - Sem *pesquisa, publicações* e um esforço de *qualificação acadêmica* de uma parte dos seus profissionais a musicoterapia não alcançará *reconhecimento junto à comunidade científica*. Estes três aspectos se articulam intimamente. A realização de pesquisa sistemática implica na disponibilidade de recursos - exige trabalho, tempo de estudo, equipamentos e, muitas vezes, instalações específicas. Não pode ser realizada adequadamente de forma amadorística, improvisada, nem deve ser considerada como uma iniciativa puramente individual. Implica em conjugação de esforços e estabelecimento de prioridades como forma de evitar a dispersão e o

desperdício. A pesquisa necessita ainda de continuidade, na medida que não se improvisa pesquisadores e o seu trabalho só amadurece e frutifica depois de certo tempo. É preciso acumular experiência, entrosar os pesquisadores e isso não se produz da noite para o dia.

As verbas governamentais de pesquisa, por outro lado, estão sendo cada vez mais canalizadas para as pós-graduações, especialmente mestrados e doutorados, onde se concentra grande parte das equipes de pesquisadores. A inexistência de mestrados e doutorados na nossa área dificulta, portanto, a existência de financiamento para pesquisa sistemática em musicoterapia. Dificuldade não significa impossibilidade. Teremos de criar alternativas para a viabilização deste trabalho e poderemos fazê-lo se estivermos realmente convencidos da sua importância e nos mobilizarmos para isso. Além disso uma outra possível alternativa seria buscar, em áreas próximas à nossa, uma qualificação acadêmica para a pesquisa ainda não disponível na área de Musicoterapia. Musicoterapeutas podem se dirigir a mestrados e doutorados em Música, Educação, Psicologia entre outros.

A falta de publicações revela, por um lado, a não priorização desta questão pela categoria e, por outro, a quase inexistência de uma reflexão sistemática, característica do trabalho de pesquisa. A pesquisa cria uma forte pressão no sentido da divulgação dos seus resultados. Divulgá-los é uma forma de criar a possibilidade de novas interlocuções, de receber contribuições e críticas, sem o que a pesquisa não se desenvolve. É importante registrar que uma área próxima à nossa, a Arteterapia com uma estrutura acadêmica muito mais precária do que a nossa, já publica duas revistas diferentes no Brasil - uma no Rio e outra em São Paulo. A ausência de publicações periódicas de Musicoterapia representa atualmente, para nós, um retrocesso na medida em que já existiu no Rio um Boletim mimeografado do qual foram publicados 14 números e no Paraná uma Revista de Musicoterapia impressa da qual disponho de números publicados entre 1975 e 1977.

2 - A prática clínica precisa ser documentada e colocada em discussão para que possa aprimorar-se através da análise e crítica do conjunto dos musicoterapeutas. Ao expor o seu trabalho o terapeuta explicita os seus fundamentos teóricos o que implica em uma reflexão mais aprofundada a respeito da prática e um estudo contínuo da teoria. É urgente superar o medo de se expor entre os pares, em favor de uma visão mais aberta à crítica e à busca do desenvolvimento teórico e clínico. Já se disse muitas vezes que, assistindo à

apresentação de trabalhos em congressos e simpósios, pode-se construir uma imagem equivocada de uma carreira. Isso porque os trabalhos apresentam, principalmente, os êxitos deixando de lado os problemas e as questões não resolvidas. Questionar profundamente a nossa prática, discutir abertamente nossas dúvidas poderá contribuir para consolidar nosso campo.

3 - A consolidação de uma carreira é o resultado do trabalho coletivo de uma categoria. Coloca a necessidade da superação de uma consciência individualista por outra mais participativa e solidária. A tradição autoritária no Brasil sempre buscou afastar a possibilidade de uma democracia real. Um discurso democrático que nunca se concretiza em possibilidades efetivas de participação, acaba por criar a descrença nas instituições e, conseqüentemente, o desinteresse em participar de qualquer tipo de trabalho coletivo, salvo quando se vislumbra benefícios pessoais imediatos. Esta tem sido uma tradição nacional, criada contra o nosso povo que, ainda por cima é responsabilizado por esta situação. Já se disse que o povo não estava preparado para votar, que era preguiçoso, ignorante, que por sua causa o país não vai pra frente. Criou-se assim um espécie de consenso - não adianta fazer nada a não ser esperar que um dia alguém tome uma iniciativa. Trata-se de uma visão elitista que contribui para alimentar a passividade da maioria em benefício de uma minoria que monopoliza o poder. Hoje este consenso criado pelas elites através de uma conjugação de convencimento e coerção começa a ser rompido e as coisas começam a mudar. Na nossa carreira ainda sentimos muito fortemente o peso desta tradição. É pequeno o número dos que participam de forma ativa do movimento da categoria, e as associações de musicoterapia enfrentam, por isso, grandes dificuldades para realizar o seu trabalho. A responsabilidade de consolidar a nossa carreira cabe a todos nós e não poderemos esperar que alguns poucos façam o trabalho de toda a categoria. As tarefas precisam ser divididas solidariamente de forma a mobilizar o melhor de cada um para este esforço coletivo.

Diante do momento que vivemos, acredito que a formação dos musicoterapeutas precisa hoje focar essas questões da própria carreira. É claro que a formação clínica não pode deixar de ser considerada central. O musicoterapeuta é, básica e principalmente, um profissional da clínica. Isso não pode ser perdido de vista, mas precisamos ampliar a própria visão da inserção da clínica musicoterápica no contexto brasileiro de saúde e empenharmo-nos seriamente na produção de novos elementos que enriqueçam a nossa prática.